

Moçambique

Expr. 23/2/91

Comissão mista condena Renamo

A COMISSÃO Mista de Verificação (Comiv) do acordo parcial assinado entre o Governo moçambicano e a Renamo em Dezembro declarou-se «muito chocada» com a declarada intenção da Renamo de voltar a atacar os corredores ferroviários e portuários da Beira e do Limpopo, pondo em causa o êxito do processo de paz em Moçambique.

O embaixador italiano em Maputo, Manfredo de Camerana, que preside à Comiv, disse na quinta-feira que está «muito preocupado» com a intenção da Renamo, classificando-a de «muito negativa». Na véspera, o porta-voz da Renamo em Nairobi, Joaquim Vaz, afirmara à Rádio Voz da América que o seu movimento vai reiniciar os ataques àqueles dois eixos estratégicos, alegadamente porque tropas do

Zimbabwe em Moçambique continuam fora dos mesmos corredores, em violação do Acordo de Roma.

Manfredo de Camerana reafirmou, no entanto, que a comissão internacional não detectou quaisquer sinais da presença de tropas do Zimbabwe nas áreas indicadas pela Renamo. O diplomata italiano acrescentou que «qualquer ataque ou violação nos corredores poderá pôr em causa o acordo de Dezembro». Por seu lado, a embaixadora britânica em Maputo, representante da Grã-Bretanha na comissão, classificou de «inquietante» e «muito chocante» o anúncio da Renamo.

Um destacado membro do Governo moçambicano, embora manifestando um «choque» com a declaração da Re-

namo, considerou-a contudo dentro da «lógica» do movimento, que continua «reduzido a uma simples máquina de matanças». A mesma fonte disse ao EXPRESSO que, para Maputo, as portas do diálogo «continuam abertas», estando os negociadores governamentais «prontos a regressar a Roma» logo que os mediadores confirmem novas datas.

Frelimo obtém apoios

A ameaça de recurso às armas por parte da Renamo ocorre no momento em que o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a França deram importantes sinais de apoio ao Governo de Moçambique.

Michel Camdessus, director-geral do FMI, revelou que a

dívida externa moçambicana poderá ser perdoada na sua totalidade. Após uma visita de dois dias à capital moçambicana, Michel Camdessus classificou como «impressionante» os esforços para a recuperação económica do país. Adiantou que existem «sinais encorajadores de que a comunidade internacional de credores» revele um elevado grau de generosidade.

Neste contexto, o FMI deseja que, durante a próxima reunião de Paris, os credores de Moçambique perdoem uma parte substancial da dívida externa, cujo pagamento atingiu, segundo as palavras de Camdessus, um nível «absolutamente insuportável» para as reais capacidades de Moçambique. Actualmente, a dívida externa de Moçambique ascende a 4,3 mil milhões de

dólares (cerca de 560 milhões de contos).

Em simultâneo, a França anunciou que vai intensificar o apoio militar a Moçambique, abrindo as suas academias aos oficiais do exército e reforçando assim a já estreita colaboração entre as estruturas militares dos dois países.

Também no plano político, Moçambique tentou esta semana angariar trunfos. Na terça-feira, Pascoal Mocumbi, chefe da diplomacia de Maputo, declarava perante uma plateia de peritos da Comunidade Britânica que participam na preparação das primeiras eleições livres que «mesmo que a Renamo não aceite parar com a guerra, as eleições multipartidárias não deixarão de realizar-se».